

O INGLÊS EM ANGOLA: ENTRE O ABSTRACT NA ACADEMIA E OUTRAS FORMAS DE IMPERIALISMO E O APARTHEID LINGUÍSTICO

Tarcísio Memória Ekulica*

RESUMO

Este texto pretende compreender por meio da bibliografia consultada, os diferentes tipos e ambientes de aprendizagens do inglês em Angola. A hipervalorização do inglês ante o *apartheid* linguístico em relação as línguas autóctones busca espaços inusitados como bares, mercados e supermercados, palcos de música e dança, entre outras, para a concretização do imperialismo linguístico por meio da aprendizagem da língua hipercentral. A Universidade valoriza o *Abstract*, que pensamos não fazer sentido mesmo na lógica da Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (DUDL) e na Ecologia da Língua.

Palavras-chaves: Abstract. Apartheid linguístico. Inglês. Línguas autóctones.

* Tarcísio Memória Ekulica é Professor Auxiliar do Instituto Superior Politécnico Sol Nascente – Huambo e Membro do Centro de Estudos Globais da UAb – Universidade Aberta de Portugal.

ENGLISH IN ANGOLA: BETWEEN THE ABSTRACT IN THE ACADEMY AND OTHER FORMS OF IMPERIALISM AND THE LINGUISTIC APARTHEID

Abstract

This text intends to comprehend through the literature reviewed to frame the different English learning environments observed in Angola. The hyper-valuing English before linguistic apartheid relatively to native languages finds such unusual spaces like bars, market and supermarket, dancing and music stages, and so forth towards the realization of linguistic imperialism by leaning hypercentral language. The University values the Abstract, which we think not to make sense even in the sense of the Universal Declaration of Linguistic Rights neither for the Language Ecology.

Keywords: Abstract. English. Native Languages. Linguistic *apartheid*.

EL INGLÉS EN ANGOLA: ENTRE EL ABSTRACT EN ACADÉMIA Y OTRAS FORMAS DE IMPERIALISMO Y EL APARTHEID LINGUISTICO

Resumen

Este texto pretende comprender y afrontar a través de la bibliografía consultada, enmarcar los distintos tipos y ambientes de aprendizaje del inglés en Angola. La hyper-apreciación del inglés ante el *apartheid* lingüístico en relación a las lenguas autoctóνας busca espacios inusuales como los bares, mercados y supermercados, palcos de danza y escenarios musicales e assim por diante, rumo à realização do imperialismo lingüístico por aprendizaje de la língua hyper-central. La Universidad valora el *Abstract* que creemos que no tiene sentido incluso en el sentido de la Declaración Universal de Derechos Lingüísticos (DUDL) y en la ecología de la língua.

Palabras-claves: Abstract. Apartheid lingüístico. Inglés. Lenguas autoctóνας.

A CULTURA DO INGLÊS NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO EM ANGOLA

[...] *in learning English it is not enough just to learn the aspects and components of the language, but learning cultural aspects is also very necessary. English teachers need to pay attention with cultural elements in their learning so that the students are able to use the language to communicate.* (Syaputri, Theresia & Yuniarti, 2021)

Ao debruçar-se sobre o assunto da língua e cultura Lestari, (2010, *apud* Syaputri, Theresia & Yuniarti, 2021), refere que “quando falamos de língua, a cultura, automaticamente, virá junto¹”. A cultura moderna inglesa tem sido, para os habitantes do *outer circle* (ciclo exterior) também uma forma de vida inevitável, por isso, interpretada por Geertz (1973) que nas suas várias tentativas de definição concebeu-a como “uma forma de pensar, sentir e acreditar” ou a “forma total de um povo” [...]. Mas o inglês ou nos remete aos estados em forma (s) de vida americanas (EUA) ou em formas de vida inglesas (RU).

Na verdade, para nós (do ciclo exterior), em termos gerais, o essencial é o inglês, não obstante, desprovida do elemento cultura; é a lógica do imperialismo linguístico. E a cultura? Faz pouca ou nenhuma diferença desde que o inglês, enquanto língua se faça presente nos sentimentos e forma de vida do povo. No artigo titulado «*Cultural Understanding In English Language Learning*» Syaputri, Theresia & Yuniarti (2021), consideram que as conquistas e experiências humanas devem-se à língua, mas a língua não sobrevive sem a cultura, ou seja, “*language becomes a mirror and a manifestation of the culture of the people; and someone can learn culture through his language*”. É desta forma que reconhecem que a cultura é indispensável no ensino e aprendizagem da língua, porquanto, só ela previne confusões interpretativas na comunicação. Esta interpretação equivale a dizer que língua e cultura são a mesma coisa ou confundem-se uma com a outra?

Anna Wierzbicka, em «*English: Meaning and Culture*» tem dúvidas se alguma cultura linguística não inglesa se manterá firme ante uma língua inglesa que por “pressão” política e socioeconómica é partilhada pelo mundo a fora: “*The very fact that the use of English is so widespread, and that its role in the modern world is so all-embracing, means that trying to link it with any particular culture or way of living, thinking, or feeling seem all the more problematic.*” (Wierzbicka, 2006)

Dada a sua dinâmica expansiva fala-se da importância no mundo da neutralidade cultural da Língua Inglesa, enquanto *Lingua Nullius*², assunto de debate de vários estudiosos da língua (Quirk *et al.*, 1985; Hayhow and Parker 1994; Widdowson 1994; Belfellah, 1996; *apud*. Wierzbicka, 2006; Phillipson,

¹ Cf. Lestari, 2010 “*When we talk about language, culture will automatically enter into it too*”

² *This argument was supposed to justify European colonisation and to sanctify Christian proselytization. Land in what became named the Americas was terra nullius, land supposedly belonging to no-one, to which its benighted inhabitants had no claim or rights. The ideological foundation for this argument is the dichotomy between Us ('civilised') and Them ('barbarians') that has been deeply rooted in the thinking of the Western world since the time of the ancient Greeks. [...] Neoliberal economic principles dovetail with cultural norms. American consumerist capitalism is projected as a cultura nullius of universal relevance, a necessity in the modern world. [...] English is projected as a language that everyone needs and that all should learn in basic education worldwide, a lingua nullius. British Council policy texts, which are used in marketing English and advising governments worldwide, project 'world', 'global' English as a universal, eminently desirable need. 'English is now seen as a "basic skill" which all children require if they are fully to participate in 21st century civil society.* (Kayman 2004; Graddol 2006, 96-97, 106-9, *apud* Phillipson, 2014)

2014), pelo que Wierzbicka refere que “*From the point of view of “Anglo Celtic” speakers of English – in Britain, the United States, and elsewhere – discussions of possible links between English and Anglo culture may also seem to be best avoided*”. Então, Ibrahim Alfarhan em «*English as a Global Language and the Effects on Culture and Identity*», considerou que os efeitos da globalização afectaram as sociedades de várias formas, o maior deles é a perda de identidade cultural (do inglês)³.

Tomemos o que a modernidade nos apresenta como “*the total way of life of a people*” dos falantes nativos do inglês, que expandindo-se para o mundo como o próprio inglês, determina a Globalização. Assim, os aspectos “culturais” de relevo internacional que consideramos terem tomado de “assalto” o mundo, e, que tendo atingido as instituições e as vidas dos povos angolanos⁴ têm influenciado sobremaneira as culturas locais internas são: a Democracia (consigo as liberdades), a Informação e a Comunicação (desdobram-se nas TIC, influenciaram os espaços escolares, a vida académica e a produção científica) e o Consumo (onde até o conhecimento e o saber se tornaram commodities descartáveis e substituíveis a medida que se produzem).

CONTEXTO DA ACADEMIA ANGOLANA E A DEMOCRATIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE

As línguas, hoje, estão na retina da democracia, ultrapassaram os constrangimentos enfrentados desde o Centro do Centro aos Centros da Periferia, de modo que em lugar algum uma língua devia ser vítima da outra língua ou da outra cultura, bastando para isso perceber através da DUDL patrocinado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) que estabelece que “[...] todos os povos têm direito a exprimir e a desenvolver *a sua cultura, a sua língua* e as suas normas de organização [...]” (itálico nosso).⁵

Angola pertence ao terceiro grupo⁵ de países que transitaram para os regimes democráticos do período que começou em 1989, envolvendo a Europa de Leste e partes da antiga União Soviética. Angola, país em processo de democratização geral, abandonou o comunismo no começo dos anos 90, do século XX, depois da Queda do Muro de Berlim (QMB), que pela sua influência contribui para o fim da guerra civil angolana que opunha grupos polarizados internos – um pró-democracia, a União Nacional de Independência Total de Angola (UNITA) e o outro, pró-comunismo, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) – para a democratização do país, incluindo a Academia e as línguas existentes.

Lembrar que, o maior exemplo de democratização linguística pós-guerra fria do mundo teve lugar na África. Rajend Mesthrie, em «*Sociolinguistics in South Africa: A critical overview of current research*»,

³ Alfarhan, 2016. *However, the effects of this globalization have affected the society in various ways; loss of cultural identity is one of the major effects that are associated with the globalization of English.*

⁴ “Povos angolanos”, tratamento (antigo) baseado nos grupos-etnolinguísticos. “Pode dizer-se que os estudos classificativos sobre os povos de Angola devem-se sobretudo aos contributos dos missionários e administradores coloniais [...]” (Coelho, 2015); “antes da colonização, os africanos tinham várias identidades sociais. Muitos pertenciam a linhagens, clãs, aldeias, cidades, feudos, grupos linguísticos, Estados e quase todos a uma combinação destes tipos de comunidade”. (John Lliffe 1999:300; *apud* Coelho, 2015; Filho, 2016).

⁵ Cf. Giddens, 2000:69. O primeiro grupo de países democráticos (Finlândia, Noruega, Austrália e Nova-Zelândia, Suíça, Itália, etc.) consolidou-se entre as grandes guerras e a década de 70... o segundo grupo, da década 80, recriaram os governos das Américas – Central e do sul.

reafirma a integralidade democrático-linguística [...] “*it is also necessary to assess what issues have been prominent in scholarship pertaining to different language groupings: Bantu, Khoe-San, Afrikaans, English, Sign, and languages other than the country’s 11 official ones*” (Mesthrie, 2010).

No entanto, no que tange a democratização linguística e académica, Angola continua com uma Política e Planeamento de Língua muito frágil e de imperialismo linguístico, fiel à herança colonial que levou o país à independência – [...] a guerra colonial contra as línguas e nomes locais, levou a uma depreciação gradual de valores⁶ linguístico-culturais angolanos – de modo que até o mais recente DR⁷, em conformidade com CRA, reafirma o português como única LO, subalternizando as LL, embora recomendando o início do estudo das LE (inglês e francês) nas idades mais inferiores.

A Academia em Angola (AA) nasce com a instituição que hoje se chama Universidade Agostinho Neto (UAN), criada pelo poder colonial português em 1962. A decisão da criação de Estudos Gerais Universitários (EGU) abrangia as províncias ultramarinas de Angola e de Moçambique através do Decreto-Lei nº 44.530, de 21 de Agosto de 1962, cujo artigo primeiro oferece a seguinte redacção: “São criados nas províncias de Angola e Moçambique os estudos gerais universitários, integrados na Universidade Portuguesa⁸.”

O processo da estabilização da AA tem sido muito débil e controverso. A UAN deteve o monopólio da Universidade Pública de Angola durante 46 anos, até 2009, abarcando sete (7) Faculdades, das quais a Faculdade de Letras, um (1) Instituto Superior e uma (1) Escola Superior, que no todo ministrava quarenta e cinco (45) cursos de graduação, treze (13) de especialização, trinta e um (31) de mestrado e sete (7) de Doutoramento e não tendo estrutura físicas próprias até 2011. A Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto (FLUAN), criada através do Decreto nº 7/09 de 12 de Maio, que começou a funcionar em Outubro de 2010, com seis (6) cursos de Licenciatura e nove (9) cursos de Mestrado⁹, é a única em Angola cujo objecto são as línguas inter(nacionais).

A FLUAN conta com seis departamentos (6) Departamento de Ensino e Investigação (DEI): (1) Departamento de Filosofia; (2) Departamento de Línguas e Literaturas Angolanas; (3) Departamento de Língua e Literaturas em Língua Francesa; (4) Departamento de Língua e Literaturas em Língua Inglesa; (5) Departamento de Língua e Literaturas em Língua Portuguesa; (6) Departamento de Secretariado Executivo e Comunicação Empresarial.

A par da FLUAN, dedicada essencialmente às línguas e literaturas, existem os Institutos de Ciências da Educação (ISCED) – de Cabinda, Huambo, Luanda, Lubango, Sumbe – que administram cursos de *ensino de línguas*, sobretudo, estrangeiras. No Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED) de Luanda,

⁶ Cf. Chimbinda, 2009:35. A longa guerra contra as línguas e nomes locais que ocorreu no período colonial, provocou, para o povo Umbundu, um desvio nos princípios e valores, e pior ainda, instilou em muitas mentes inibição e vergonha de falar a língua Umbundu e de usar nomes expressos nesta língua. A PL angolana continua a ser hostil às LL e tem dificuldades de alcançar o objectivo de melhorar as competências em LE (inglês e francês), mas para alcança-la era necessário melhorar as competências em LN (no caso de África e Angola) conforme sugere Marques (2003:106)

⁷ Cf. Diário da República (DR). – 1ª série – N.º 123/ Lei n.º 32/20 de 12 Agosto; Lei de bases do sistema da educação e ensino.

⁸ Cf. <https://dre.tretas.org/dre/260277/decreto-lei-44530-de-21-de-agosto> Acesso 15-05-2022

⁹ Cf. <https://uan.ao/faculdades/letras/> Acesso 15-05-2022

por exemplo, três cursos são mencionados: Licenciatura em Ensino de Línguas Portuguesa, Licenciatura em Ensino de Línguas e Literaturas Africanas e Licenciaturas em Letras Modernas. Já os ISCED do Huambo, Lubango, Benguela administram cursos de Licenciatura em Ensino de Língua Francesa, Ensino de Língua Inglesa e Ensino de Língua Portuguesa, essencialmente para a leccionação nos níveis de base.

A democracia e democraticidade da Universidade em Angola é uma discussão muito recente, uma vez que o decreto que os orienta data de 2020, Decreto Presidencial n.º 309/20, sobre o Regulamento Geral Eleitoral das Instituições do Ensino Superior Público: “*Artigo 2.º (Âmbito e aplicação):* O presente regulamento aplica-se ao processo de eleição dos titulares de órgãos de gestão, de natureza singular e colegial, das Instituições do Ensino Superior (IES) Públicas, designadamente: a) - Reitor, nas Academias de Altos Estudos e nas Universidades; [...]”

Ao contrário dos Regulamentos anteriores que não previam qualquer prática democrática nas IES (Instituições do Ensino Superior);

Artigo 12.º (Atribuições do Governo no domínio do ensino superior) 1. Sem prejuízo do estabelecido na Lei de Bases do Sistema de Educação, são atribuições do Governo no domínio do ensino superior as seguintes: a) definir e orientar a execução da política nacional do Estado para o ensino superior; b) garantir o cumprimento dos objectivos específicos do subsistema de ensino superior, bem como a aplicação dos seus princípios; c) criar instituições de ensino superior públicas; [...] g) nomear e empossar os titulares dos órgãos de gestão das universidades e academias públicas, sob proposta do titular do órgão de tutela, com base nos três candidatos eleitos pelas assembleias das respectivas instituições; h) suspender e exonerar os titulares dos órgãos de gestão das universidades e academias públicas, sob proposta do titular do órgão de tutela, nos termos do presente diploma; [...] (Decreto n.º 90/09)

O Decreto Presidencial n.º 309/20 prevê eleições de todos os titulares de órgãos de gestão de natureza singular e colegial, o empossamento dos membros eleitos, entre outros cargos e funcionalidades.

A falta de democracia e democraticidade até hoje nas Instituições do Ensino Superior é ainda real, visto que o recente diploma é ainda prática do futuro. Mas esta falta de democracia e democraticidade pode ser justificada historicamente, pela opção pelo comunismo na edificação do Estado angolano desde a independência em 1975. Angola, como diz Giddens, faz a agulha para a democracia e, os países que assim procedem, sentencia o autor, “não conseguem chegar à democratização plena, ou parecem ficar parados algures no caminho”. Tal é, segundo o autor, o exemplo da Rússia. Refere também, Argentina, os países da América do Sul e outros países do leste europeu.

Assim, 46 anos depois, a Universidade angolana ainda frágil e pouco estimulada deve participar na democratização da democracia, buscando elementos sustentáveis que possam construí-la “das bases para as cúpulas, através do ressurgimento da cultura cívica” (Giddens, 2000:78). Para a democracia e a democratização da Universidade, mas também a democratização da democracia vive-se uma era particularmente exigente, porquanto, apesar de apontar descontentamentos, é munida de instrumentos, como a *internet*, “uma poderosa força globalizante” (Giddens, 2012:707). Anthony Giddens considera que a *internet* transcende fronteiras nacionais e culturais, facilita a disseminação de ideias ao redor

do planeta e permite que pessoas com ideias parecidas se encontrem no domínio do *ciberespaço*. As Instituições do Ensino Superior em Angola podem aprofundar suas democracias e estabelecer relações de cooperação com as Universidades do mundo na condição democrática mais favorável com mais pesquisa e produção científica. Para tal o investimento no inglês passa a ser muito importante.

A INFORMAÇÃO: A CULTURA DE MASSAS, A ACADEMIA DE ANGOLA E O INGLÊS

“Use English... but don't let English use you...” [...] “In colonial conquest, language did to the mind what the sword did to the bodies of the colonized” (Ngugi Wa Thiong'o, 1986)

Informação é língua e com qualquer língua pode-se construir a informação. Mas é com o inglês que se produz a informação de dimensão global. A informação no mundo, dentro do seu poder agregador e congregador mudou, evoluiu e diversificou as *mass-media* que, historicamente, segundo Morin (2002), surgiu da *mass-culture*, produzida segundo as normas maciças da fabricação industrial; propaganda, pelas regras de difusão maciça. Os *mass-media* destinam-se a uma massa social, isto é, segundo o autor, um aglomerado gigantesco de indivíduos compreendidos aquém e além das estruturas internas da sociedade (classes, família, etc.).

Ainda Morin (2011), assinala que “foi através do surgimento de algumas tecnologias como o cinema, o rádio, a televisão e o jornal impreso que houve o desenvolvimento das comunicações, possibilitando a propagação da cultura de massas, que teve a sua origem a partir da tipografia [...] *mass-media*, para ele, não são apenas o resultado mas promovem a globalização”.

Hoje, na continuidade daqueles, surgiram novos *media* e diversificou-se a audiência de massas, tendo sido possível, através da *internet*, o surgimento de uma cultura informacional da virtualidade da sociedade interactiva global, que faz surgir, na linguagem de Manuel Castells, fluxos de informação e a cidade global (que não sendo física, é virtual). “Embora os *media* se tenham de facto «interligado», globalmente, e os programas e mensagens circulem na rede global, não estamos a viver numa aldeia global, mas em domicílios sob medida globalmente produzidos e localmente distribuídos” (Castells, 2007:449).

Portanto, a informação é a cultura que determina o desenvolvimento dos povos. Por isso, ela é vasta, complexa e produzida em escala (na medida dos meios existentes, as TIC), o que recentemente levanta grandes discussões éticas, no esforço de equilibrar a verdade – as *fakenews* (Junior, 2019)¹⁰ e a pós-verdade (*ibidem*)¹¹ – que se têm rapidamente expandido pelo mundo, determinando vários contextos de dominação humana.

¹⁰ Cf. Júnior (2019) [...] a profusão, nos últimos tempos, das chamadas “*fake news*” – as notícias falsas – e a aderência a seus conteúdos sem qualquer critério de verificação ou mesmo de verossimilhança, principalmente nas redes sociais, têm sido um dos grandes exemplos a indicarem como aquilo que se chama de “pós-verdade” estaria predominando sobre um estado de coisas em que a verdade “até então” permaneceria como linha fundamental para a organização da opinião pública.

¹¹ Cf. Por aí já, diz o mesmo autor, vemos que a palavra “pós-verdade” pode nos significar um belo peso nas costas. Mas, por outro lado, não é por isso que ela nos deixa de sugerir também um sintoma próprio da nossa época: não pode ser à toa que “pós-verdade” tenha caracterizado eventos que, até pouco tempo, nos pareciam tão improváveis de ocorrer. Da mesma forma, a disseminação de notícias falsas e a importância que tem adquirido a indústria da boataria nos últimos tempos, não podem ser desconsiderados como elementos importantes relacionados a esse sintoma. É daí, portanto, que irrompe uma questão: há algum fenómeno particular da nossa época que esteja propulsionando o aparecimento de termos específicos como “pós-verdade”?

Assim, enquanto na guerra, a primeira vítima é a verdade, apesar da informação (excessiva), no comunismo (totalitário) a primeira vítima é a informação (imparcial), nem a possibilidade de referir a verdade, porquanto, a ausência da informação imparcial aniquila a possibilidade da verdade, aniquila as liberdades e faz com que surja o único ente que detém o monopólio da informação e decida sobre ela, a **pós-verdade**.

Post-truth, que se afigura importante neste trabalho por influenciar as políticas comunicativas do mundo, logo, PPL, é, segundo Llorente & Cuenca (2017), um vocábulo nomeado pela primeira vez pelo Dicionário Oxford, «palavra do ano 2016», “um ano cheio de surpresas polémicas e eventos inesperados”; caracterizado por um panorama político e social marcando por uma conjuntura da pós-verdade, na qual o objectivo e o racional perderam peso diante do emocional ou da vontade de sustentar crenças, apesar dos factos demonstrarem o contrário.

Os autores mencionaram, por exemplo, golpes duros que poucos seriam capazes de prever, como a decisão dos britânicos de abandonar a União Europeia, entre outros, a controversa vitória de Donald Trump nas eleições norte-americanas, o constante crescimento, nas pesquisas, de partidos políticos como a Frente Nacional na França, liderada por Marine Le Pen, factos que têm como denominador comum de provocar a desordem da opinião pública. Neste âmbito os autores escrevem:

Nesse ambiente, surgem novas formas de relacionamento com a opinião pública e consolidam-se os meios de comunicação alternativos. As tradicionais formas de jornalismo perdem peso diante do auge dos novos canais de comunicação, como os *blogs* pessoais, o *Youtube*, os canais de mensagens instantâneas, como o *WhatsApp*, *Telegram* e o *Facebook Chat*, ou as redes sociais como *Snapchat* e *Twitter*. Um simples tweet pode mobilizar massas e causar resultados impensáveis há alguns anos. (Llorente & Cuenca, 2017)

Neste espaço temporal as *fake-news* reais ou em redes e a pós-verdade, especialmente produzidas nas línguas “maiores”, têm também uma grande repercussão nos países africanos. Em Angola, o *Facebook*, o *WhatsApp*, o *Youtube* e o *Twitter*, com maior participação dos angolanos na diáspora, terão crescido em proporções extraordinárias, que com a sua capacidade de disseminação, apesar de muitas dificuldades (*internet* irregular, luz eléctrica inconstante e posse de aparelhos telefónicos e electrónicos desigualmente distribuídos, de modo que, a grande maioria da população não pode aceder às RS), começaram a redireccionar e contrariar os *mass-media* tradicionais angolanos ainda com tendências comunistas. Esta disputa terá pesado nas campanhas eleitorais e desacreditação do governo saído das eleições de 2017 que elegeram o presidente em substituição do anterior, em funções desde 1979.

A taxa de ocupação das RS, em Angola obedece a seguinte ordem: *Facebook*, 91,8%; *Youtube*, 3,66%; *Pinterest*, 3,51; *Twitter*, 0,99; *Instagram*, 0,34; *LinkedIn*, 0,13%¹². Hoje o *WhatsApp* tem crescido muito, atrás do *Facebook*.

Apesar das *fakenews* e da pós-verdade, os países com democracias maduras dada a igualdade, acesso, produção e difusão da informação, agora, maior *commodity*, – referirão seguros viver na era da infor-

¹² Cf. <https://marcadigital.co.ao/redes-sociais-angola/> Acesso. 10-06-2022.

mação – que se fez facilitadora ou produtora de riqueza, bem-estar e interconexão global. As democracias de “baixa-intensidade” e países do sul não tendo definição própria são, por arrasto, o que o norte (global) é.

Dada a intercomunicabilidade global e os valores ocidentais os países esforçam-se em se fazerem prósperos, de modo que, democracias não entrem em guerras, como diria Emmanuel Kant, citado por Doyle e Lynch (1993; 1994). “*Even though liberal states have become involved in numerous wars with non liberal states constitutionally secure liberal states have yet to engage in war with one another*” [...] Michael W. Doyle, ao analisar esta teoria, propõe que não é que a Guerra (luta armada) seja de todo impossível; “*nobody should argue that such wars are impossible; but preliminary evidence does appear to indicate that there exists a significant predisposition against welfare between liberal states*” (Doyle, 1993).

A informação é assim a cultura global da qual nenhum espaço físico e humano escapa e a Universidade, o maior espaço de imperialismo linguístico. A Universidade sustenta saberes e aperfeiçoa a informação dando-lhe qualidade, quantifica-a e recria-a como uma «indústria» ou “economia informacional global”. A informação é a ferramenta de produção de riqueza, tanto baseado na comunicação tradicional (televisão, rádio, etc.) ou, sobretudo, a comunicação mediada pelo computador (RS, CV, etc.).

A esse respeito Crystal (2009), dirá que “*In the novel, the media are at the centre of everyone’s life – the press, radio, advertising, and especially television. Even the ‘hint of a nuance’ can make a difference.*” Afigura-se, por isso, importante que o bom uso destes meios nas sociedades democráticas, como nos EUA e EU e países do sul, baseada na livre circulação, gestão e utilização fiel da informação, ajudem na consolidação da igualdade de direitos linguísticos e equilíbrio das condições políticas e socioeconómicas globais.

Neste esforço de democratização informacional (no sentido de liberdade de expressão e opinião, ou seja, no sentido de os que não têm vozes manifestarem suas vozes), mesmo por via de protestos, segundo Crystal, está implicado clara ou discretamente (mesmo nos países de democracias de baixa intensidade ou autoritários) o inglês, que mesmo de forma subliminar é utilizado para projectar apelos, gritos de socorros, recados, entre outros, ao Ocidente:

A political protest may surface in the form of an official question to a government minister, a peaceful lobby outside an embassy, a street riot, or a bomb. When the television cameras present the event to a world audience, it is notable how often a message in English can be seen on a banner or placard as part of the occasion. Whatever the mother tongue of the protesters, they know that their cause will gain maximum impact if it is expressed through the medium of English.

Em Angola, as manifestações, apesar de permitidas devem, até hoje, ser reportadas as autoridades (Administração e Polícia) para a validação. No geral, maior parte de manifestações de cunho reivindicativo não é validada ou sofre fortes repreensões do sistema administrativo. No entanto, no geral escritos em português, pelo menos 1 a 3 cartazes em cada 20 são escritos em inglês, conquanto as Línguas Locais (LL) sejam, geralmente, ignoradas.

A Universidade (não tanto a angolana, por agora) participaria neste esforço de forma mais arregaçada, dado que suas formas de participação superariam as formas tradicionais (protestos, marchas, vigílias, etc.) das camadas populares. Elas seriam participantes da construção de políticas mais adequadas, no esforço da investigação científica e construção do conhecimento. É neste particular que os países com democracias mais evoluídas fazem o desenvolvimento, enquanto aqueles cujas democracias são de baixa intensidade, caso de Angola, ditaduras ou totalitários, que com a informação criaram desinformação, narrativas de justificativas, e, atrasaram-se ou criaram inacção económica e sociopsicológica (China evoluída economicamente e o povo sem liberdade e oprimido) ficam cada vez mais para trás, em muitos aspectos da vida humana. Claro, a ciência não saberá ao certo se a IA beneficiará mais as ditaduras ou as democracias.

Ainda assim, nesta condição, garantida a democracia e democraticidade universitária na AA o inglês tomar-se uma garantia para competir vagas importantes de participação activa e efectiva na política global. Mas mais do que imperialismo linguístico, que exclui a totalidade das línguas autóctones, o inglês é uma necessidade global para a participação da Universidade na dinâmica global. Os esforços em curso e futuros de começar a leccionação do inglês o mais cedo possível¹³ e os cursos de graduação em línguas estrangeiras (inglês e francês, sobretudo) e o uso do inglês na produção académica e do conhecimento é parte da busca da interconectividade e criação do desenvolvimento global.

Portanto, a cultura informacional do inglês, no nível fundamentalmente mais popular verifica-se no campo musical e no comércio. Estes campos informacionais fazem com que o inglês, enquanto língua seja valorizada e publicitada no nível das comunidades mais humildes, havendo nestas comunidades, muitas vezes, salas improvisadas nas quais jovens com conhecimento de alguns vocábulos e princípios gramaticais passam para os outros jovens ou conjunto de pessoas interessadas.

COMÉRCIO E A CULTURA DO INGLÊS EM ANGOLA: UMA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

“To the extent that owners of businesses share the belief that sales improve when using the customer’s language, we might expect to find them adopting a staffing policy that will permit this.”
(Spolsky, 2009)

A Universidade acontece de forma retroactiva na comunidade, mas é, sobretudo, “uma interacção dialógica com a sociedade” (Coelho, 2014). A afirmação de Spolsky (2009), acima, talvez justifique a escolha dos vários nomes de estabelecimentos hoteleiros, de lazer e outros observados em inglês, especialmente em Luanda onde este mercado mais se concentra. Para conformar a atractividade do inglês no contexto cultural global de Angola, os proprietários nas áreas de hotelaria, lazer e outras investem nos nomes em inglês, e garantem que o sucesso relativo ao inglês é mais-valia para o quadro de pessoal, especialmente, os que exercem maiores responsabilidades e outros com responsabilidades de base, como acontece mesmo em países de ENL (inglês língua não nativa), como aponta Spolsky. Nos estabelecimentos que auxiliam a fronteira o inglês é requisito chave de entrada e de mobilidade laboral de modo a motivar os trabalhadores da base ao topo:

¹³ Cf. Lei 13/1: Lei de Bases do Sistema de Educação

[...] the hotel industry has potential language problems. Receptionists are usually prepared for this, but the housekeeping and cleaning staff are commonly low-paid immigrants. The Carleton hotels on the West Coast of the United States, a chain with a dozen hotels and restaurants that were advertised as boutique hotels for wealthy customers, tackled this by offering vocational English as a second language classes to its employees (Ibidem.)

A língua, em particular o inglês, tem grande importância nas trocas comerciais. Angola, sendo o país que mais importa, liga-se com outros países por meio do comércio (formal/ informal), com o qual a língua global (o inglês) se faz uma necessidade, de modo que, os actores do comércio são atraídos a aprendê-la para fazer fluir os negócios nas fronteiras e no interior dos países de onde adquirem os produtos de comércio.

Para este trabalho revisitar as outras áreas que alimentam a Academia, tanto por serem base e objecto de investigação como por serem os espaços em que a cultura do inglês e, a sua apreciação e aplicabilidade encontra significado como Língua Estrangeira era necessidade basilar. Para tal seleccionamos para a visita às zonas de comércio na área de hotelaria e turismo, clubes nocturnos e casas de dança e jogos e outras áreas de comércio.

A observação participante tornou possível ter-se uma ideia da opção por palavras inglesas na escolha dos nomes dos estabelecimentos comerciais, fluência do inglês dos trabalhadores dos estabelecimentos (conversas curtas com os balconistas, porteiros, garçons etc.) e a percepção que têm da importância do inglês naquele emprego. Os nomes em inglês têm também um papel publicitário, conforme o director de *marketing* do Golden Park Hotel que fez saber que “com um nome daqueles as pessoas sabem que é [um] bom hotel, embora associem o nome aos preços altos”.

A publicidade que também é informação, hoje, considerada por Crystal (2009), como a combinação de factores sociais e económicos que conduzem a um acréscimo dramático do uso da propaganda nas publicações, especialmente nos países mais industrializados, fomentou a competição, poder de aquisição:

Mass production had increased the flow of goods and was fostering competition; consumer purchasing power was growing; and new printing techniques were providing fresh display possibilities. In the USA, publishers realized that income from advertising would allow them to lower the selling price of their magazines, and thus hugely increase circulation.

O quadro abaixo mostra a predominância do inglês nalgumas áreas do comércio em Angola. Dados de alguns estabelecimentos de Luanda, Benguela e Menongue.

Tabela 3 - (autor) Predominância do inglês na sociedade não acadêmica angolana

Afectação	Estabelecimentos	Nomes/ Inglês	%	Trabalhadores	Falantes	%
Hotelaria ¹⁴	49	17	34,69	1029	147	14,28
Lazer ¹⁵	29	8	27,58	288	37	12,84
Outras ¹⁶	62	12	19,35	310	28	9,03
TOTAL/MÉDIA	141/ 47	37/ 12,33	81,62/27,20	1627/ 542,33	212/ 70,66	36,15/12,5

Perguntadas as pessoas em relação as suas preferências de Línguas Estrangeiras (LE), existe unanimidade na escolha do inglês, por familiaridade na escola ou pela frequência do uso nos próprios locais de trabalho (tanto pelos clientes como pelos colegas) e por na prática sustentar um dos parâmetros de subir, sobretudo, na área hoteleira. “*To the extent that owners of businesses share the belief that sales improve when using the customer’s language, we might expect to find them adopting a staffing policy that will permit this*” (Ibidem.). Porque o negócio está para os seus compradores e vendedores, os mercados tomam a cultura linguística de quem mais pode comprar e vender.

Encontrou-se consideráveis estabelecimentos em todas as afectações mencionadas seja com nomes simples em inglês (*Shoprite*) e/ou nomes compostos em inglês (Dance Spot, Construction Lisbon Club, Night Club House, The Docks Luanda, Keys’ House, Golden Park Hotel, Royal Plaza Hotel, Hotel Prime, Abs, Guest House, Fly Hotel, Sun Shine Hotel, Inn Luanda - Boutique Hotel Type, Downtown Guest House, City Guest House) e mistos – inglês e outra língua (Suite Hotel Luar, RK Suite Hotel, Tchinosanda House, Discoteca Chick, Pension Cruzeiro, Pululukwa Resort).

É interessante como a percepção da maioria dos trabalhadores, incluindo os que desconhecem completamente o inglês é positiva, ou seja, é consensual a observação, segundo a qual: “o inglês ajuda muito no negócio [...]”. Este pronunciamento «consenso» é muito alimentada pela posição dos trabalhadores observados, sobretudo, no comércio hoteleiro onde as melhores posições eram ocupadas por uma maioria falante do inglês, embora fizesse diferença também o nível académico e a especialização.

A MÚSICA ANGOLANA COMO CULTURA E O INGLÊS: UMA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

A música é a manifestação humana mais global, sendo um meio de expressão de sentimentos, emoções, pensamentos, desejos, necessidades, etc., expressas por gestos, símbolos, palavras, estados emocionais, etc., é também a manifestação da dimensão da pessoa no todo da vida, ou seja, “a música está presente em todas as culturas conhecidas, e isso acontece desde o nascimento, quando as mães entoam canções de ninar para seus filhos” (Levitin, 2010).

É por isso que o inglês, enquanto língua imperialista e global, se vai entranhando nas várias culturas, em primeiro lugar como palavras soltas se encaixando, puxando outras palavras na totalidade ou variedade das áreas de actividades “porque ela está entre as actividades humanas mais complexas, envol-

¹⁴ Hotéis, pousadas, resorts, restaurantes, etc.

¹⁵ Clubes nocturnos e casas de dança e jogos

¹⁶ Lojas, mercados, supermercados, serviços, etc.

vendo percepção, memória, tempo, agrupamento de objectos, atenção e (no caso da performance) perícia e uma coordenação complexa da actividade motora” (*Ibidem.*).

Sem a língua a cultura musical não se exterioriza, porquanto, “*Language without culture is unthinkable, so is human culture without language*” (Jiang, 2000:328; *apud* Alyasery, 2019), e, por isso, no ensino e aprendizagem da língua a cultura vai junto, de modo que: “*the interdependence of language learning and cultural learning is so evident that one can conclude that language learning is culture learning and consequently, language teaching is cultural teaching*” (Gao, 2006. *apud* *Ibidem.*).

Esta propensão para o inglês é, em Angola, manifesta especialmente na música, sendo que nela há uma presença considerável das construções ou vocábulos ingleses e muitos traços da cultura *pop* e *hip hop*.

Foram estudadas 76 músicas de três estilos diferentes – 31 *quizombas*, 26 *hip hop* e 28 *kuduro*. Nos três estilos a presença do inglês é notável e comparado com as línguas locais/ nacionais (Umbundu, Kimbundu, Bankongo, entre outras). A presença de vocábulos e expressões inglesas é muito representativa. Cantores como Yola Semedo, Pérola, Sando Kan, Heavy C, Celma Ribas, Cleiton N, C4 Pedro, entre outros.

A quase totalidade de músicas *hip hop* terá pelo menos um vocábulo em inglês, como *baby*, *swag*, *bitch*, *bro* (*brother*), *nigger*, entre outras. Maior número de músicas estudadas são cantadas em português com uma presença significativa de vocábulos em inglês, conforme o extracto da música de Male Chick¹⁷, a seguir:

[...] tá a me subir os kalundu/ manda vir *beer*, manda vir *whisky*/ [...] olha mboa kurti do *shine*/
toque nem do ecclesia Henrique./ inglês que é *you speak because to night i am black*,/ *i want you're*
my nicky/ esse daqui já não sou eu/ [...].

Nesta letra musical, como mosaico de línguas diferentes concorrem culturas diferentes, umas enraizadas e com mais intensidade e outras intrusas e competidoras por um espaço de identidade global.

Mas os fazedores de cultura musical em Angola não param, aportuguesam até palavras inglesas: “vamos *kissar*, de *to kiss*. É o que notamos na música de Yudi Fux titulada duas caras:

[...] Esta miúda é tão doce, tão doce, tão doce/ [...] Mete então vestido, vamos brilhar/ Batom na
tua boca, vamos *kissar* [...].

Os próprios fazedores da música não escapam a tentação de transverter seus nomes artísticos para inglês. Assim, os integrantes do grupo *rap* SSP e colaboradores, por exemplo, têm os seguintes nomes: Big Nelo, Paul G, Jeff Brown, Fly Skuad, Kool Klever, Sweet Maria, Boss AC, Lucky EM, etc. O nome verdadeiro de Big Nelo, por exemplo, é Emanuel de Carvalho Nguenohame e o de Boss AC, Angelo Firmino do Rosário, artista português convidado em 2000.

¹⁷ https://www.youtube.com/watch?v=D1YCRpO_JSY Acesso, 22-06-2022

A cultura, geralmente, não é leccionada como são leccionadas as línguas, mas elas existem por trás das línguas, penetram e configuram-se, sua existência determina a fluência equilibrada da língua.

ABSTRACT: O INGLÊS NA ACADEMIA ANGOLANA E O APARTHEID LINGUÍSTICO

Americans take it for granted that foreigners should speak English. That is linguistic imperialism and Americans should give up that idea. I believe Americans respect fairness, but as far as language is concerned, they are not fair. For example, the U.S. Ambassador has never held a press conference in Japanese. (Tsuda 1994:59; apud Phillipson & Skutnabb-Kangas 1996).

Para a percepção da importância que o *Abstract* ou resumo acadêmico representa nos trabalhos científicos, JoAnn Grif Alspach define-o como “*a succinct yet comprehensive synopsis of the contents of a prospective or published paper*”. Segundo a especialista da revista biomédica, os *Abstracts* dos artigos de revistas servem muitos propósitos, como sejam, sumariação, descrição, ordenação e indexação.

Os *Abstracts*, considera a autora, como o fazem tantos outros pesquisadores, são designados para clarificar os pontos-chave das partes mais significativas dos trabalhos científicos e expõem o que eles (trabalhos) incluem, ou seja, “a função do *Abstract* é apresentar uma ideia concisa do que o artigo propõe em sua extensão” (Alspach, 2017; Soares, Silva e Lima, 2017; Silva e Guizzo, 2017; McNamara, Grannell, Watson e Bouchier-Hayes, 2001). É por meio do *Abstract* que se classifica o artigo como sendo relevante (ou não) para os leitores, de modo que para lhe descrever a importância disse: “*Abstract have been compared to movie trailers because they offer previews with highlights that help viewers decide whether they wish to see the entire work*” (Alspach, 2017).

Gil e Aranha (2017, *op. cit.*), consideram-no gênero textual. Para Aranha citado pelos autores, é por meio dele e do título que “o leitor selecciona um texto acadêmico a ser lido.” Swales e Feak (2009:2; *apud* Gil & Aranha, 2017) escrevem que o resumo apresenta pelo menos quatro funções distintas: (i) minitextos autônomos que apresentam ao leitor um curto sumário a respeito do tópico da pesquisa, metodologia e principais resultados; (ii) dispositivos de projecção que ajudam os leitores a decidir se querem ler o artigo inteiro ou não; (iii) prévias do que os leitores pretendem ler no artigo completo, dando um mapa de leitura; (iv) um índice de ajuda para escritores de *Abstracts*, profissionais e editores.

Swales (1990, *op. cit.*; *apud* Soares, Silva e Lima, 2017) explicita que “Apesar de ser um gênero curto, o *Abstract* é composto de um parágrafo simples com uma média de quatro a dez sentenças completas, a sua constituição pode ser uma tarefa árdua para o pesquisador”. Pela sua importância, conforme descrição acima, os trabalhos científicos impõem *Abstracts* rigorosos, que conformem a importância real do grau de utilidade que terá o trabalho no todo, na comunidade acadêmica específica (área de especialidade), comunidade acadêmica geral e na sociedade.

Para a elaboração do *Abstract* para os artigos Alspach propõe, quatro procedimentos: (i) *recognizing the essential attributes of any abstract*; (ii) *following the journal's instructions for submitting abstracts*; (iii) *distinguishing between types of abstracts*; (iv) *tailoring abstracts to specific types of articles*.

Dos quatro, segundo a pesquisadora, seguir as instruções da revista é a directiva mais importante, mas reconhece que apesar de semelhanças estruturantes os artigos diferem em conteúdo, extensão e outras características, o que determina a estrutura do *Abstract*.

Na apresentação de qualquer trabalho em eventos como congressos, seminários ou conferências, o estudioso deve expor um *Abstract* e da aceitação dependerá a exposição.

Motta-Roth e Hendges (2010; *apud* Silva & Guizzo, *op cit.*), referindo a estrutura do género *Abstract* consideram que “A organização retórica do *Abstract* é semelhante à do artigo académico”, ou seja, dizem Silva e Guizzo, “assim como os artigos, o género resumo/*Abstract* apresenta uma estrutura potencial e pistas lexicais que evidenciam essa estrutura, cujas partes se denominam movimentos retóricos¹⁸.”

O modelo de Bhatia, proposto por Gil & Aranha, pressupõe que todo *Abstract* apresenta quatro movimentos retóricos distintos: (i) objectivos, (ii) metodologia, (iii) resultados e (iv) conclusão, enquanto, segundo os mesmos autores, o modelo de Swales e Feak contempla cinco movimentos diferentes: (i) contextualização/introdução, (ii) objectivos, (iii) metodologia, (iv) resultados e (v) conclusão), que podem ser combinados de várias maneiras de acordo com a área e a comunidade de pesquisa na qual o texto se insere.

Alspach (2017, *op cit.*) descreve dois tipos de *Abstract* usados pelas diferentes revistas de artigos científicos: “*unstructured* [desestruturado], *summarize the contents of a paper in a narrative paragraph; and structured* [estruturado] *which specifies distinct, labeled sections (eg., Background, Methods, Results, Discussion) for rapid comprehension and consistency in abstract content.*” A autora reconhece todavia que, o uso de um tipo ou de outro não é exigência inegociável de qualquer revista “*so journals may use both types of abstracts and modify content according to the type of paper.*”

Na sequência, a autora aponta que as revistas profissionais produzem muitos tipos de artigos: *case reports* (estudo de caso), *quality improvement (QI) reports* (relatório de melhoria da qualidade), *research reports* (relatório de pesquisa), *and others (e.g., systematic reviews* (revisões sistemáticas), *meta-analyses* (meta-análises), *editorials* (editoriais).

A ideia de *Abstract* /resumo académico introduz a necessidade da produção académica ou científica nas diferentes Academias do mundo que, por sinal, ensinam, buscam o conhecimento (do campo) e interagem nas mais variadas línguas, especialmente na língua hipercentral e nas línguas centrais de Louis-Jean Calvet, tanto na AG como no nível formal e das instituições dos Estados. As línguas periféricas, autóctones dos países do Sul, por exemplo, foram na totalidade ou em parte banidas ou pelo menos excluídas, graças à globalização, tendo-se tornado inóspitas tanto nos sistemas educativos como no restante das relações humanas nas instituições formais, incluindo nas Universidades. É ali que este artigo pretende com base na Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (DUDL) deplorar que uma única língua impere sobre as outras, faça com que umas desapareçam e outras estejam em perigo

¹⁸ Cf. Silva e Guizzo, 2017. Os autores atribuem a expressão “movimentos retóricos” a Motta-Roth e Hendges (2010) que são as partes desta estrutura potencial do resumo.

de desaparecimento. Estas línguas estão numa situação de *apartheid* linguístico e vivem morrendo, ou em risco muito alto de desaparecimento.

Mas, como diz Dutra (2019), “A distribuição do território global em Estados Nacionais exerceu e ainda exerce grande influência na maneira como o mundo é percebido não apenas geográfica e politicamente, mas também linguisticamente.” Portanto, a situação da globalização acirrou o “valor” criado pelos Estados Centrais (Estados Europeus) das suas línguas ante aos Estados periféricos, para os quais estabeleceram uma cultura monolinguística, assim como para o mundo, onde o modelo monolíngue nacional teve repercussão global, visto que foi “exportado e difundido, como efeito da colonização, por todo o planeta” (Lagares, 2018:58; *apud* Dutra, 2019). As línguas centrais foram supervalorizadas e, por força da colonização passaram a ser Línguas Oficiais da maioria dos países do sul em detrimento das línguas autóctones ou locais.

O plurilinguismo que maioritariamente acontece nas diversas relações (linguísticas) informais vive sob ameaça, embora ainda predominante em muitos países do Sul mas também alguns do Norte¹⁹. Esta tendência é ainda maior porque, segundo Dutra, “a globalização, entretanto, vem relativizar o poder dos Estados Nacionais sobre as línguas.” Segundo o autor citado, vêm cada vez surgindo pressões tanto ao nível supranacional quanto ao nível local que, de certa forma, desvelarão os limites da ideologia monolíngue, dado o âmbito supranacional, o capitalismo crescente, as TIC e a *internet*:

No âmbito supranacional, a acelerada integração político-econômica, que se materializa no surgimento de diversas instituições, empresas e organizações internacionais, assim como a compressão do espaço-tempo, proporcionada pela Internet e pelos avanços tecnológicos, trazem à tona a questão da intercompreensão entre falantes de diferentes línguas. Nesse cenário, cresce a preocupação com as políticas linguísticas relacionadas às línguas de comunicação global: deve-se dar prioridade ao estabelecimento de uma língua franca? Ou, pelo contrário, considerar a diversidade de línguas existentes? (Dutra, 2019)

Desta forma o inglês em crescendo hipervalorizou-se, tomou a Academia Global, procurou preencher a crescente preocupação com as Políticas de Línguas (PL) relacionadas às línguas de comunicação global. Na verdade, o inglês ante a importância e benefícios (na dinâmica capitalista) de ser uma Língua Global (LG) desenvolveu o poder suave e inteligente²⁰ combinado com a força política, econômica e tecnológica que as Nações Centrais ostentam, “tomou” a Academia Global e é a língua pivô na pesquisa e produção científica.

The pivotal role of English as a dominant language in research has originated a wide gap between native-speaking and non-native-speaking academic communities. This issue has furthered works about each language impact in knowledge dissemination and the actual lingua franca status usually accepted for English (Silva & Santos, 2016).

¹⁹ Cf. Dutra (2019) “Na Europa, berço da ideologia monolíngue, a Bélgica e a Suíça, por exemplo, são vistas como exceções em seu plurilinguismo. Suas realidades linguísticas, contudo, não são nem comparáveis à diversidade linguística de certos países africanos e asiáticos – como a Nigéria, onde cerca de 517 variedades são faladas, ou a Índia, com 447 variedades linguísticas”

²⁰ Cf. Nye, Jr. (2010) [...] poder inteligente ... a capacidade de combinar os recursos do poder suave e do poder duro em estratégias eficazes. O poder duro é empurrar; o poder suave é puxar. [...] poder suave é a capacidade de afectar os outros através dos meios de cooptação de enquadramento de objectivos, persuasão e atracção positiva com intuito de obter resultados desejados (p. 39). [...] poder duro – a capacidade de obter resultados desejados através da coerção e do pagamento (p. 35).

Mas a ‘necessidade’ de publicações em inglês em Portugal ou publicar em inglês investigações que originalmente terão sido concebidos em português ou por autores nativos da língua portuguesa já começa a ser assunto de discussão académica. Assim, como passa a ser assunto de discussão, especialmente neste trabalho, a ‘necessidade’ da tradução do resumo académico/ *Abstract* nas Academias e académicos não nativos do inglês, já que observada a estrutura, a importância e os motivos da produção do *Abstract*, parece meritória para as línguas supercentrais, centrais ou periféricas, no sentido de hegemonizar a língua em que o trabalho se idealizou e se produziu.

Maria Antónia Lopes em “Publicar em português” não é a única que se insurge e considera injusto o facto de as publicações concebidas e produzidas em Língua Portuguesa (LP) terem que ser valorizadas com qualquer produção em Língua Inglesa (LI), com o *Abstract* inglês.

Para sustentar as suas críticas cita o Manifesto em Defesa do Multilinguismo Científico promovido por professores universitários de diversos países europeus, incluindo o Reino Unido “[...] não pode confundir-se uma língua franca de vocabulário escasso, para uso coloquial e serviços, que é o inglês, como língua da Ciência.”

Já antes, 1996, Robert Phillipson e Tove Skutnabb-Kangas em “*English Only Worldwide, or Language Ecology*” reagiram de forma menos simpática ao fenómeno da hegemonia do inglês como língua da ciência:

[...] *Likewise, German scholars have complained that the obligation to publish or address conferences in English puts them at an unfair disadvantage (Ammon, 1989). How contemporary Europe will work through the hierarchies of language – among official, international, indigenous, and minority languages (“national” and immigrated) – in the coming years is an open question.* (Phillipson & Skutnabb-Kangas, 1996)

Santos e Silva (2016) em “*Issues with Publishing Abstracts in English: Challenges for Portuguese Linguists’ Authorial Voices*”, procuram ajudar entender assuntos ligados a publicações em inglês em Portugal através da análise dos procedimentos da Associação Portuguesa de Linguística (APS) em relação as publicações em inglês e os *Abstracts*, no sentido de perceber “[...] *as all members of other academic communities, Portuguese linguists aim to be known in international forums. Their research findings must be published in English, especially in a widely-read genre such as the abstract.*”

Os estudiosos reconhecem o duplo desafio de escrever o texto científico numa língua adicional não nativa. Mas a Língua Global está presente, não importa a localização geográfica e simbólica, riqueza e produção de conhecimento é crucial que as suas comunidades académicas se anexem ao mundo falante do inglês, mais favorecido nos diferentes domínios da vida sociopolítica.

Neste sentido “*Researchers and reviewers from core Anglophone countries are in a position to dictate parameters to their less-privileged “peers”, thus imposing not only standard research criteria, but also standard genre models, writing parameters, and publishing guidelines*” (Santos & Silva, 2016). E, isto justifica-se também, segundo os autores, pelo facto de a disseminação do conhecimento depender

excessivamente dos recursos materiais e, como consequência, os países mais ricos são “o essencial” ou o centro da produção e disseminação da pesquisa onde os países mais pobres pertencentes a periferia têm pouca ou nenhuma influência²¹.

Da mesma forma que diriam os portugueses que “*English is increasingly becoming the dominating language in Portuguese academia. Like in Spanish peer-reviewed journals, in an effort to boost international recognition*” (*ibidem.*), assim diriam os angolanos em relação à Academia Angolana.

No ensino superior público e particular de Angola o *Abstract* é um pressuposto obrigatório, aparece em todos os regulamentos de produção científica e produção de trabalhos de fim de cursos e, é descrito por Mooko (2009:170, *apud* Unicef, 2016)²², como sendo uma língua dinâmica adicional em Angola dado o interesse acrescido que os angolanos nutrem por ela “*which challenges the dominance of Portuguese in some contexts.*” Mooko dizia que “*English is gradually usurping the privileged position that Portuguese used to have in Angola due to the role of language in achieving economic opportunity that has emerged in Angola.*”

Mooko atribui também o sucesso do inglês em Angola à pressão causada pela sua utilização expansiva nos países da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC) da qual Angola é parte e um dos membros fundadores. Os pesquisadores e revisores têm ainda por obrigação seguir os parâmetros ditados pelo conjunto dos países anglófonos “*to their less-privileged “peers”, thus imposing not only standard research criteria, but also standard genre models, writing parameters, and publishing guidelines*” (Santos & Silva, 2016).

A internacionalização da Universidade e necessidade de globalizar a Academia angolana faz com que a Política de Língua adoptada tome as idades mais tenras para a aprendizagem do inglês e a sua aplicabilidade dos níveis de ensino superior mesmo que tal se concretize somente por meio do *Abstract*.

DUAS NOTAS FINAIS

Em ‘O essencial sobre linguística’ Maria Helena Mira Mateus e Alina Vilalva apresentam números de uma base de dados sobre línguas do mundo: são 6809 línguas que existem em 2000, sendo que a Europa contribui com apenas 3% (ou seja 230 línguas, muitas das quais estão já quase extintas). Os dados de Mateus e Vilalva (2006:23) salientam que 96% das línguas existentes no mundo são faladas por apenas 4% da população mundial. As autoras mostram duas preocupações mais uma: a primeira, é o facto de metade da população mundial usar apenas oito línguas, enquanto um sexto das línguas do mundo são faladas apenas na Nova Guiné; a segunda, o alastramento do inglês como meio de comunicação mundial, visto como resultado de um fenómeno de imperialismo cultural. As autoras não deixaram de mostrar preocupação pelo facto de grande número das línguas «minoritárias» estarem a desaparecer

21 Cf. Santos & Silva (2016). “[...] because knowledge dissemination depends largely on material resources. As a consequence, wealthier countries are the “core” or centre of research production and dissemination, whereas poorer countries belong to a periphery that has little or no influence at all.”

22 Cf. Unicef (2016). *Angola – The impact of language policy and practice on children’s learning: Evidence from Eastern and Southern Africa 2016* (título).

cada vez mais depressa, sendo que, comunidades linguísticas formadas por cerca de 100000 indivíduos não são capazes de assegurarem a sobrevivência da sua língua.

Toda esta descrição leva-nos a valorizar materialmente a “igualdade linguística” defendida pela Declaração Universal dos Direitos Linguísticos tomada à letra pela Constituição actual da República da África do Sul²³ que ao oficializar onze línguas, combateu o estigma em relação as línguas anteriormente excluídas e a inclusão encorajou maior cooperação entre as línguas diferentes e valorização das identidades originárias dos povos, sem prejuízo da convivência entre povos “diferentes”. Esta é a primeira nota: se todos os países do mundo tomassem as línguas dos seus povos como línguas iguais em circunstâncias e importância, e não se tomasse uma única com direito de *Abstract* no procedimento da pesquisa científica e outros privilégios, o único ganho que se teria seria a inclusão, a cooperação e desenvolvimento do multilinguismo e plurilinguismo. A diversidade linguística é a única forma de valorização glocal e global, da língua do outro e da democracia linguística. Ao invés da monotonia linguística que se espera com a promoção desenfreada do inglês no mundo (língua hypercentral²⁴) e outras línguas coloniais e imperialistas (línguas supercentrais e centrais²⁵) em detrimento das periféricas, que a nosso ver causará um certo tipo de “depressão” linguística, cujas prejuízos não se podem agora calcular.

A Academia (mas a escola em geral) é o espaço cultural de maior relevo na actualidade, superando a música, o comércio, a gastronomia, a informação, etc. A *internet*, as redes sociais e a inteligência artificial são, hoje, culturas relacionadas com a Academia. Se a Academia furta-se de promover culturas autóctones, usando do imperialismo cultural e aprofundando cada vez mais a linha do pensamento abissal²⁶ e desvalorizando as epistemologias do sul²⁷, no futuro, e esta é a segunda nota, teremos morto a diversidade cultural a multiculturalidade e a pluriculturalidade. E, não é mentira que a coesão global baseada na democracia devia promover a diversidade para a manutenção das diferenças do (de) ser, pensar e fazer. Será que o mundo estará se preparando para a impossibilidade de ser igual, fazer as mesmas coisas e da mesma forma? A diversidade cultural é necessária e urgente e é a Academia que, em primeiro instância, deve dar conta de promove-la.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alsopach, JG. (2017). *Writing for Publication 101: Why the Abstract Is So Important*. CriticalCareNurse Vol 37. RN, MSN, EdD.
- Calvet, L-J. (1999). *Pour une écologie des langues du monde*. Paris: Plon.
- Castells, M. (2007). *A Sociedade em Rede – a era da informação: economia, sociedade e cultura*. Vol. I. 3.ª edição. Fundação Calouste Gbenkian: Lisboa.
- Coelho, GC. (2014). O papel pedagógico da extensão universitária. *Revista Em Extensão*. Universidade Federal da Fronteira Sul.

²³ Cf. Constituição de 1996 da África do Sul

²⁴ Cf. Calvet, 1999

²⁵ Cf. *Ibidem*.

²⁶ Cf. Santos, 2007

²⁷ Cf. Santos, 2018:209

- Crystal, D. (2006). *A revolução da linguagem*. Jorge ZAHAR Editor Lda: Rio de Janeiro.
- Doyle, M. W. (1993) Kant, Liberal Legacies, and Foreign Affairs Philosophy and Public Affairs, Vol. 12, N.º 3., pp. 205-235.
- Dutra, PV. (2019). *O pluralismo no sistema global e local das línguas do mundo*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- Geertz, C. (1973). *The interpretation of cultures: selected essays*. Basic Books, Inc., Publishers: NY.
- Giddens, A. (2000). *O mundo na era da globalização*. Editora Presença: Lisboa.
- Giddens, A. (2013) *Sociologia*. 9ª Edição. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.
- Gil, B. e Aranha, S. (2017). *Um estudo do gênero abstract na disciplina de Antropologia: a heterogeneidade da(s) área(s)*. DELTA.
- Gomes, E. & Weime, M. (2011). Africa Programme Paper AFP PP 2011/04 Education in Angola: Partnership Opportunities for the UK. Chatham House: London.
- Grannell, M e Watson, G. (2001). The research abstract: Worth getting it right. *Irish Journal of Medical Science*.
- Guild, D. & Rhodes-Crowell, R. (2018). *Teaching English as a Second Language in Angola Dare Guild Education 408: Critical Aspects of Teaching English as a Second Language*.
- Júnior, E.B. (2019). *O que é a pós-verdade? Elementos para uma crítica do conceito*. USP: SP, ORCID: 0000-0002-0937-4741.
- Levitin, D.J. (2010). *A música no seu cérebro: a ciência de uma obsessão humana*. 2.ª edição. Editora Civilização Brasileira: RJ.
- Llorente, JA. & Cuenca, (2017). *A era da pós-verdade: realidade versus percepção* Mattavelli Gráfica e Editora: SP.
- Lynch, C. (1994). *Kant, the Republican Peace, and Moral Guidance in International Law*. <https://escholarship.org/content/qt0vk1f3gv/qt0vk1f3gv.pdf> [acesso. 19-05-2022].
- Marques, MER. (2003). *Português, língua segunda*. Universidade Aberta: Lisboa.
- Mesthrie, R. (2010). Sociolinguistics in South Africa: a critical overview of current research. In: Ball, MJ. *The Routledge Handbook of Sociolinguistics Around the World*. Routledge, Park Square, NY.
- Morin, E. (2002). *O Método IV. As ideias: a sua natureza, vida, habitat e organização*. Publicações Europa-America Lda: Mira-Sintra.
- Phillipson, R. & Skutnabb-Kangas, T. (1996). English only worldwide or language ecology?. *TESOL Quarterly* 30 (3), 429-452.
- Phillison. R. (2014). English, the *lingua nullius* of global hegemony. UG, Switzerland.
- Quirk, R. et. al. (1988). *The Question of Standards in the International Use of English*. In Peter Lowenberg
- Santos, BS. (2007). *Para além do pensamento abyssal: das linhas globais e uma ecologia de saberes*. Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.
- Santos, BS. (2016). *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul*. Edições Almedina: Coimbra.
- Santos, JV e Silva, PN. (2016). *Issues with Publishing Abstracts in English: Challenges for Portuguese Linguists' Authorial Voices*. MDPI, Basel, Switzerland.
- Silva, MP e Guizzo, AR. (2017). *O gênero abstract: questões de compreensão e produção textual*. UNILA: Iguazu.
- Spolsky B. (2009). *Language Management*. Cambridge University Press: New-York.
- Syaputri, W. Theresia, F. & Yuniarti, F. (2021). Cultural Understanding In English Language Learning. *Journal SIGEH*. UMP: Indonesia.

Thiong'o, N. (1986). *Decolonising the Mind*. The politics of language in African Literature. Third World Publications, Ltd. Birmingham.

UNESCO. (1996). Declaração Universal Dos Direitos Linguísticos. *Linguasagem, revista electrónica de popularização científica em ciências da linguagem*.

UNESCO. (2019). *The impact of language policy and practice on children's learning*: Evidence from Eastern and Southern Africa 2016. <https://www.unicef.org/esa/sites/unicef.org/esa/files/2018-09/UNICEF-2016-Language-and-Learning-Angola.pdf> [Acesso em 15-04-2022]

Wicerkiewicz, T. (1998). *Endangered Languages, Ethnicity, Identity and Politics*. In: Nau, T. at al. *Languages in Dangers*. Paris, UNESCO Publishing.

Diário da República – 1ª série – N.º 123/ Lei n.º 32/20 de 12 Agosto; Lei de bases do sistema da educação e ensino.

_____. (2021). Constituição da República de Angola-2021

